



Entrevistada: Bertha Becker

Entrevistadora: Mônica Machado

Entrevista realizada em 06 de setembro de 2001

Mônica Machado: O que a Sra. pensa sobre a Geografia brasileira?

Bertha Becker: Eu acho que a Geografia dá contribuições, mas acredito que ela dá aquém do que poderia dar. De qualquer maneira, ela é a melhor Geografia da América Latina, embora a Argentina, atualmente, também tenha uma contribuição interessante. Então, considero que a contribuição brasileira é maior, embora a Argentina esteja se dinamizando bastante.

Mônica Machado: Mas a contribuição da Geografia na Argentina é bem recente, não? Porque eu me lembro do Rodolfo Bertonecello, que veio fazer mestrado aqui no Brasil, como outros também vieram.

Bertha Becker: Sim, é recente. Me lembro de outros nomes também, como o Marcelo, a Cláudia, o Luís, não me lembro agora o sobrenome deles, mas tiveram alguns realmente que vieram desenvolver sua tese de mestrado aqui. Então, ao meu ver, houve uma época em que a Geografia brasileira proporcionou grandes contribuições para o reconhecimento do território, que particularmente considero extremamente importante e um dos papéis fundamentais da Geografia, principalmente da Geografia que se desenvolveu aqui no Brasil, este país imenso que teve toda uma história de ocupação da Costa.

Mônica Machado: Essas contribuições ocorreram na década de 30, a partir da institucionalização da Geografia brasileira, no Governo Getúlio Vargas?

Bertha Becker: Sem dúvida, foi a partir da institucionalização. Mas depois dessa época, ela entrou numa fase extremamente descritiva, fragmentada, pouco pertinente com o estudo de bairro, poderíamos assim dizer.

Mônica Machado: Quando exatamente ocorreu essa fragmentação? Teria ocorrido nos anos 50?

Bertha Becker: Sim, acredito que nos anos 50 ou 60, não estou bem certa. Mas foi durante esse período, porque nos anos 70 surgiu a Geografia crítica, época em que muita coisa melhorou. Embora ela tenha entrado, logo após, em um desvio, em um certo modismo – “a crítica virou moda”.

Mônica Machado: A leitura marxista foi muito pouco aprofundada, embora seja importante ressaltar a dificuldade de desenvolvimento da perspectiva marxista em Geografia.

Bertha Becker: É, realmente não é fácil. Inicialmente, a resistência da Geografia crítica foi excelente, no que se refere à denúncia e à postura crítica. Mas depois, a meu ver, ela se desviou, não se aprofundou e ficou um tanto quanto “enrolada” pelo caminho.

Mônica Machado: E depois dos anos 70, o que ocorreu?



Bertha Becker: Depois dos anos 70 houve uma diversificação grande. Várias correntes surgiram na Geografia. Atualmente, existe a Geografia cultural e tantas outras, como você pode observar. Apesar da existência de diferentes correntes, eu posso dizer que sempre estive interessada na Geografia política, embora, inicialmente, ela não fosse assim reconhecida. As pessoas sempre me perguntavam qual era, afinal, a Geografia que eu fazia. Eu sempre respondia que fazia Geografia, mas não era agrária propriamente dita.

Mônica Machado: *Seria uma Geografia regional?*

Bertha Becker: Sim, uma Geografia regional-política. Embora não tivesse consciência, acho que sempre gostei da política e sempre fiz Geografia política. Contudo, a consciência de estar realmente fazendo Geografia política só aparece depois. Então, houve uma grande diversificação na Geografia e as pessoas entraram num chamado pluralismo, começaram a aceitar o pluralismo metodológico e conceitual.

Mônica Machado: *E esse pluralismo, tem lastro teórico?*

Bertha Becker: Há um esforço de lastro teórico sim, mas, como já ressaltamos, não é fácil. A leitura marxista é extremamente difícil, até mesmo na política: qual a base da Geografia política? Seria a ciência política ou seria outra área? Da Geografia política, propriamente, não há uma base teórica. Não podemos dizer com precisão qual é sua base teórica.

Mônica Machado: *Inclusive, a disciplina chamada “Teoria da Geografia” não me parece uma boa denominação. Afinal, quais seriam as teorias da Geografia?*

Bertha Becker: Eu sempre digo isso quando dou essa disciplina: “A teoria que não tem”. Difícil. Mas, atualmente, existem pessoas preocupadas com o pensamento geográfico, com a história do pensamento geográfico, com a epistemologia da Geografia, como por exemplo o Paulo César, que gosta muito dessa área, e a própria Lia Osório. Na Argentina, o Marcelo Escolar também trabalha nessa direção. O Milton Santos, da mesma forma, se preocupou, não com a epistemologia propriamente dita, mas com a perspectiva teórica da Geografia, embora eu não entenda muito bem a teoria do Milton, pois ele escolheu um caminho diferente daquele que eu preferi seguir. Então, acho que existe um esforço nesse sentido, embora considere muito difícil. Acho que a Geografia cultural atual ainda não achou seu caminho. Porque a cultural atual não é mais aquela que era antigamente, ou é?

Mônica Machado: *A meu ver, a Geografia cultural nada mais é do que Geografia Humana. Estou certa?*

Bertha Becker: Pois é, eu não sei, eles dizem que não.

Mônica Machado: *Qual obra que a Sra. destacaria como fundamental para a construção de uma teoria do Brasil em Geografia?*

Bertha Becker: Para mim, “*Formação do Brasil Contemporâneo*” de Caio Prado Júnior. Acho que é uma das melhores obras que eu já li. Tudo está contido nesse livro. Eu só estudei o Caio Prado Júnior depois de formada, quando comecei a dar aula na Universidade. Para mim, Caio Prado Júnior é fundamental. Ele é geógrafo. Ele faz uma história geográfica do Brasil. Todos os assuntos sobre o Brasil podemos encontrar nesse livro, como a



mobilidade da população, entre outros. Caio Prado Júnior apresenta a história do Brasil a partir da produção, distribuição e do consumo da riqueza, procurando localizar o país no contexto do comércio europeu.

Mônica Machado: *Bem, estávamos falando sobre a Geografia brasileira, sobre o pluralismo em Geografia.*

Bertha Becker: Eu acho que a partir dos anos 80 houve um movimento pluralista muito claro na Geografia. Os anos 70 foram marcados pela Geografia crítica, a crítica ao quantitativismo. A partir dos anos 80 a Geografia ficou muito mais plural, você pode observar que cada um faz o seu trabalho, há uma aceitação maior da diversidade. Não podemos negar que, de fato, existe uma diversidade.

Mônica Machado: *E essa diversidade é nova no caso brasileiro?*

Bertha Becker: É nova. No sentido de que você tinha antes os professores franceses que davam muita ênfase ao agrário ou à geomorfologia, e tinha também o IBGE, que fazia reconhecimento de território, o que aliás os franceses faziam também. Monbeig é um exemplo disso, ele fez obras clássicas de reconhecimento do território com as *Frentes Pioneiras* e o estudo do café. O Leo Waibel também, seus estudos eram também de reconhecimento de território. O Monbeig mais do que o Waibel. O Waibel aprofundou mais a questão agrária. Mesmo porque ele não era francês, era alemão. Então houve essa história da Geografia brasileira e ela teve alguns momentos: primeiro a influência dos franceses, o reconhecimento do território, depois a Geografia crítica dominou e, logo após, surgiu o pluralismo, uma diversificação. Antes você tinha um “patrulhamento”, que até hoje ainda existe um pouco. Na época da Geografia crítica havia esse “patrulhamento” muito forte, concorda?

Mônica Machado: *E a Geografia desenvolvida na Universidade, como ela participou dessa história?*

Bertha Becker: Bom, eu acho que realmente o pensamento da Geografia que existe, se é que existe algum, esse pluralismo ocorre muito mais na Universidade, não tenho a menor dúvida. Inverteu-se. Antes o IBGE tinha uma força no sentido do reconhecimento do território, que é uma situação *sui generis*. Não é qualquer país do mundo que tem um Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Poucos. Se não for só o Brasil, pode ser que hoje tenha mais, mas na época não, foi um produto do Estado Novo, da necessidade de controlar o território, de fortalecer o Estado através do controle do território. Isso sempre foi fundamental no Brasil. Assim, o Brasil foi *sui generis* nesse sentido; o IBGE tinha um papel extremamente importante naquele momento e a Geografia universitária estava, na verdade, se formando. Na década de 30, ela estava ainda se formando com esses mestres franceses, alguns intelectuais importantes como Josué de Castro. Então, a AGB foi muito importante na época, uma verdadeira *Escola*.

Mônica Machado: *AGB Rio ou AGB Nacional ?*

Bertha Becker: AGB Nacional. Ela teve um papel de *Escola*. Porque ela realizava excursões em grupos, você sabia? O chefe de excursão delimitava uma determinada área de estudo para a realização de excursões de três ou quatro dias. Depois eram feitos relatórios sobre essas excursões, que nada mais eram do que estudos de reconhecimento de território. E com isso alunos e professores trabalhavam em grupo, e era uma prática fantástica. Eu peguei essa prática já no final. O Caio Prado Júnior ia às reuniões da AGB, participava delas.

Mônica Machado: *Isso é interessante.*



Bertha Becker: Como interessante, considero fundamental. O Caio Prado Júnior participar das reuniões da AGB é realmente surpreendente. Você não acha fantástico?

Mônica Machado: *Acho, acho realmente muito interessante essa informação. Pois, na pesquisa documental que tenho levantado, aparecem intelectuais importantes participando da Geografia, nos anos 30, 40 e 50. Atualmente não me parece que ocorra essa participação, estou errada? O que a Sra. acha?*

Bertha Becker: Eu acho que hoje essa participação é retomada por outra via. Hoje todo mundo está interessado no espaço, no território, não tanto na Geografia, que fica à margem. Eles competem com a Geografia. A Maria da Conceição Tavares, por exemplo, de quem eu sou amiga há muito tempo, e o José Luis Fiori, ficam me solicitando, pois ambos agora só querem estudar Geopolítica. Inclusive, a convite de Fiori, fui dar aula de Geopolítica para os alunos dele. Os economistas também estão interessados no geoprocessamento. Todos agora querem informações “georeferenciadas”. Porque eles sentiram que o território é muito mais estável do que a fluidez dos processos políticos e históricos, como já era dito pelo velho Jean Gottman. Esta é a verdade. É claro que você tem as grandes ondas históricas, mas a velocidade da mudança, hoje, é brutal. Então, todos aqueles fatos preditos para acontecer na economia não aconteceram. Por essa razão, estão chegando à de que território e massa de população, como disse a velha geopolítica, são elementos centrais. São fundamentais para explicar tudo, inclusive para conhecer melhor o território. Como você pode conhecer melhor o território? Como as empresas poderão se localizar sem o conhecimento do território? As empresas precisam saber onde se localizam suas matérias-primas.

Mônica Machado: *Mas não necessariamente os empresários recorrem aos profissionais de Geografia, em geral não. Estou certa?*

Bertha Becker: Sim, em geral não recorrem aos profissionais de Geografia.

Mônica Machado: *Com relação ao período de institucionalização da Geografia no Brasil, qual foi realmente seu objetivo, formar professores ou formar geógrafos para o reconhecimento do território?*

Bertha Becker: Pode até ser que também se quisessem formar professores de Geografia, como também estavam se querendo formar os de História. É o aparecimento da Universidade. É a institucionalização das disciplinas. Isto já faz parte de um processo geral. Agora, a Geografia brasileira tem a especificidade de ter tido o IBGE. Sem dúvida, a formação da Geografia no Brasil teve suas razões na necessidade de formação dos profissionais habilitados para o reconhecimento do território. Evidentemente que o reconhecimento do território foi, para o Brasil e para a Geografia, fundamental. Esta é a minha interpretação. Acho que esse fato foi primordial, você não concorda?

Mônica Machado: *Concordo. Mas acho também que o fato de o IBGE ter se sediado no Rio de Janeiro deu à Geografia universitária do Rio de Janeiro um contorno diferenciado da Geografia de São Paulo, da Geografia da USP, ou não? Qual a sua opinião?*

Bertha Becker: Eu acho que você está certa. Eu também acho que a Geografia política e o reconhecimento do território foram mais importantes aqui no Rio de Janeiro do que em São Paulo, ou não ?

Mônica Machado: *Eu acredito que tenha sido diferente, mas não estou bem certa.*



Bertha Becker: Eu também não tenho certeza, mas eu posso deduzir a partir do que eu me lembro. Eu me lembro que quando eu fazia julgamentos na CAPES, durante muito tempo, dos Cursos de Pós-Graduação, a Geografia Humana em São Paulo era extremamente fragmentada. As pessoas faziam estudos de bairro, de lugarejos, talvez até antes do Milton ter ido para a USP. Com o Milton penso que ocorreu uma mudança. Eram perspectivas muito miúdas, eu diria “umbilical”.

Mônica Machado: *Uma perspectiva exclusivamente paulista?*

Bertha Becker: Sim, como eu já disse, era umbilical. Então, no caso do Rio de Janeiro, o IBGE foi marcante. Não adianta dizer que não foi, porque realmente foi.

Mônica Machado: *Importante inclusive para a Universidade?*

Bertha Becker: Eu acho que inclusive para a Universidade, porque o Ruellan ensinava na Universidade do Brasil e trabalhava no IBGE. Quando ele organizava excursões, levava as pessoas da Universidade e do IBGE. Eu ainda peguei o Ruellan, mas apenas no final. Ele levava a turma para conhecer o Vale do Rio Doce e outros lugares. Levava a turma para o campo. Então houve muito essa tradição do campo, que na verdade era um reconhecimento de território. Já a Geografia paulista não teve isso, com exceção do Monbeig, uma referência clássica.

Mônica Machado: *Monbeig também passou pelo Rio de Janeiro, não?*

Bertha Becker: Passou, mas ele atuou mais em São Paulo. Em São Paulo alguns seguiram a trilha da geografia agrária do Monbeig. Alguns, mas não foram muitos. Entretanto não desenvolveram a visão de processo que Monbeig tinha. Eu acho que estou falando é de processo. Por que uma Geografia mais descritiva, quando ela faz uma caracterização, que ela até pode fazer muito bem feita, mas falta um pouco a noção do processo, da dinâmica. Era o que Monbeig tinha e o que faltou à Geografia paulista, na minha opinião. Enquanto que no Rio de Janeiro, querendo ou não, o IBGE tinha que ir para o campo fazer estudos sobre a nova capital do país.

Mônica Machado: *E portanto os estudos de Geografia no Rio de Janeiro transcendiam a escala local, regional, não?*

Bertha Becker: Exatamente, era uma escala nacional. Josué de Castro, por exemplo, tratava do problema da fome no Brasil.

Mônica Machado: *É importante ressaltar que Josué de Castro não era do Rio de Janeiro.*

Bertha Becker: Não, ele era pernambucano. O Rio de Janeiro tinha a capacidade de atrair intelectuais de todo o Brasil. O Rio sempre foi muito cosmopolita, sempre atraiu migrantes nordestinos de Mato Grosso, como também de outros lugares.

Mônica Machado: *E quanto ao IBGE, no que se refere à passagem desse pensamento brasileiro do IBGE para a Universidade, quando ocorre ?*



Bertha Becker: Bem, não me lembro de tudo exatamente. Eu posso falar da época que eu me lembro. Eu fui aluna de Josué de Castro e Arthur Ramos. Ambos não tinham nada a ver com o IBGE. Josué de Castro era médico, mas gostava da Geografia. Arthur Ramos era um grande antropólogo, um grande orador - clássicos da área humana no Brasil, das ciências sociais, e, volto a dizer, não tinha nenhuma relação com o IBGE. Acho que tem mais a ver com isso que você estava dizendo, que as pessoas vinham de outros campos, de vários estados, de vários lugares para a capital do Brasil, para o Rio de Janeiro.

Mônica Machado: *Vinham para o Rio de Janeiro e atuavam na Universidade do Brasil, não era uma Universidade do Rio, uma universidade local ou regional, mas sim do Brasil.*

Bertha Becker: Exatamente. Vinham porque era uma Universidade do Brasil. Eu acho que isso deu uma direção para o Rio de Janeiro mais nacional do que São Paulo. Faz sentido para você o que estou falando?

Mônica Machado: *Faz, pelo menos para mim, sim. Agora eu gostaria de saber se os anos 70 foram anos que marcaram a passagem do pensamento do IBGE para a Universidade.*

Bertha Becker: Já na década de 50, quando eu fui aluna, quem teve grande importância na Universidade, na Geografia, foi Josué de Castro e Arthur Ramos, pelas cabeças. Então, o Leuzinger não era importante, era apenas um “germanófilo” que desenhava muito bem as encostas.

Mônica Machado: *O que aconteceu com Victor Leuzinger ?*

Bertha Becker: Ele estava aposentado e morreu. Quem ficou no lugar dele foi a Maria Luiza. Xavier, Jorge Marques e Mauro Argento foram compondo a Geografia Física na UFRJ, muito por influência da Maria Luiza. Na verdade, toda a parte da Geografia física foi conduzida pela Maria Luiza, que entrou no lugar do Leuzinger. Ela era assistente dele. A Lucy Freire, ninguém entende como e porque, era assistente do Josué de Castro, pois ela era uma fascista, nós todos não gostávamos dela.

Mônica Machado: *E ela era assistente do Josué de Castro ?*

Bertha Becker: Isso nunca ninguém conseguiu entender e explicar. Josué era um homem muito sedutor, inteligente, brilhante, com uma visão incrível, de esquerda você pode dizer. Nunca ficou claro como ele aceitou a Lucy como sua assistente. E o Vitor Leuzinger já era um germanófilo também. Então, quem exercia influência na Geografia do Rio de Janeiro, quando eu entrei na Universidade? Era o Ruellan e o Hilgard Sternberg, que teve um papel enorme.

Mônica Machado: *Por que não falam no Sternberg e na sua contribuição à Geografia?.*

Bertha Becker: Porque as pessoas o achavam “americanófilo”, conservador. Era a época da “patrulha”. Ele foi muito importante porque se preocupou com a pesquisa organizada. Foi ele quem implantou, digamos assim, a pesquisa na Geografia da Universidade do Brasil, através do CPGB, do Centro de Pesquisa de Geografia no Brasil. Foi ele quem criou o CPGB, que funcionava no 9º andar, quase no último andar, como se fosse uma cobertura. Ele conseguiu espaço, dinheiro da Fundação Ford. Conseguiu uma caminhonete, nós íamos para o campo com a caminhonete.



Mônica Machado: *Era a Fundação Ford ou a Fundação Rockefeller?*

Bertha Becker: Não sei, não me lembro. Mas quem sabe com certeza é a Maria do Carmo Galvão, pois foi ela quem assumiu o lugar dele.

Mônica Machado: *E depois, o apoio ao CPGB acabou?*

Bertha Becker: Depois, o Sternberg foi convidado para ir para São Francisco, EUA, pela Universidade de Berkeley e ele aceitou o convite. Assim, com a ida dele para os Estados Unidos, o CPGB acabou aos poucos perdendo sua expressão. Foi na época de Hilgard que o financiamento e o espaço foram conseguidos e a biblioteca foi montada. Foi ele quem conseguiu tudo isso.

Mônica Machado: *E para onde foi essa biblioteca?*

Bertha Becker: Essa biblioteca passou para o Programa de Pós-Graduação em Geografia, quando nós o criamos. Era uma biblioteca enorme. O Hilgard também conseguiu para nós bolsas de pesquisas no CNPq. O CNPq tinha sido criado em 1951. O Hilgard foi fundamental para a Geografia na UFRJ. Foi ele quem me convidou para entrar na Universidade, só que eu segui outro caminho, diferente do dele, o que ele nunca me perdoou. Eu me identifiquei com a Geografia Política e segui esse caminho, deixando de lado a Geografia mais ambiental que o Hilgard fazia. Embora eu trate do ambiental também. Mas, no meu caso, o estudo do ambiental é feito pela perspectiva política. A Geografia do Hilgard era a Geografia homem x meio.

Mônica Machado: *Era a Geografia clássica, então ?*

Bertha Becker: Eu diria uma das raízes da Geografia clássica com relação à sociedade e à natureza, hoje, homem e meio; era clássica, exatamente isso. E ele fazia muito bem feito. Por exemplo, enchentes do Vale do Paraíba. O Hilgard se preocupava com questões pertinentes à pesquisa. Como eu já disse anteriormente, muitas vezes a Geografia entrou em questões não pertinentes, como o estudo de bairros. Então, ele se preocupava com isso, as enchentes do Vale do Paraíba, a questão da seca do Nordeste. Eu viajei muito com ele, como aluna. Conheci o Nordeste inteiro. Meus dois primeiros trabalhos foram sobre o Nordeste, mais especificamente sobre o clima. Ele me mandava estudar clima porque achava que eu era de esquerda e por isso não admitia que eu tratasse da área humana da Geografia. Eu apliquei índices climáticos para delimitar as áreas do Nordeste. Esse foi o meu primeiro trabalho. Depois, eu fiz com ele uma excursão nos vales úmidos - Vale do Piú, e fiz um pequeno trabalho sobre vales úmidos. Assim, meus primeiros trabalhos foram sobre o Nordeste, porque ele me levava para as excursões. Depois Hilgard trabalhou no Careiro, na Amazônia, ele se dedicou muito ao estudo da Amazônia, via Universidade. Depois, não sei se era na época do regime militar ou antes, ele ficou muito magoado porque achava que quando o governo mudasse, iria ser convidado para trabalhar, para fazer alguma coisa no governo em função de sua preocupação com problemáticas pertinentes ao Brasil, mas infelizmente ele não foi. Ele fez parte do ISEB, foi um dos fundadores. Eu também fiz parte. Embora não tenha participado da fundação do ISEB, pois era muito nova na época, não sabia de nada, mas eu fui, mesmo assim. E você vê que ,com todos os problemas do ISEB, era um instituto extremamente importante porque era um fórum nacional.

Mônica Machado: *Um lugar de debate e de estudos sobre o Brasil.*



Bertha Becker: Sim, um lugar de construção do pensamento nacional. Hoje em dia, eu até tenho conversado com alguns colegas, nós deveríamos criar um outro local.

Mônica Machado: *A Universidade, especificamente a Geografia, tem se dedicado a pensar o Brasil, a construção de uma teoria sobre o Brasil?*

Bertha Becker: Bem, o que é pensar o Brasil? Se você pensar nos estudos urbanos, por exemplo, o Maurício Abreu que faz Geografia histórica do Rio de Janeiro, neste caso ele estaria pensando o Brasil ?

Mônica Machado: *Não, está pensando o Rio de Janeiro, na minha opinião.*

Bertha Becker: Você está percebendo aonde eu quero chegar? O Roberto Lobato, por exemplo, fez muita coisa quando estava no IBGE, mas eram estudos voltados ao urbano. Eu, modéstia à parte, o André Martin e o Wanderley Messias da Costa, atualmente, temos um pensamento sobre o Brasil. Eu tenho, eu sempre fui institucional e sempre pensei Brasil grande, minha escala é macro, nacional e Brasil no mundo. Penso que os outros pesquisadores da Geografia da UFRJ, como por exemplo a Maria do Carmo, que estuda o Estado do Rio de Janeiro há muito tempo, não trabalha com a mesma preocupação. A Lia Osório estuda também o narcotráfico, não é uma problemática nacional. Mas, de toda forma, eu acho que o Rio de Janeiro se preocupou mais com a escala nacional do que São Paulo. Hoje em dia o pessoal de São Paulo se preocupa em estudar o Lefebvre. Estudar Lefebvre é ótimo, eu amo o Lefebvre. Para mim o Lefebvre foi uma base, foi fundamental. Mas, para mim, estudar Lefebvre só tem sentido quando eu posso aplicá-lo, principalmente para entender o Brasil. Pois o Brasil foi um evento, um caso exemplar, quando utilizamos o trabalho de Lefebvre, pois a construção do espaço brasileiro, do território nacional, foi levado à frente pelo Estado.

Mônica Machado: *Hoje, como poderíamos traçar as pesquisas em Geografia na UFRJ?*

Bertha Becker: Hoje não temos um padrão de estudos, há um pluralismo. Pessoas estudam o Rio de Janeiro, como o Maurício Abreu e a Maria do Carmo Galvão. O Roberto Lobato está atualmente envolvido com a Geografia cultural, que não é minha área de trabalho. O Marcelo Lopes estuda muito a questão urbana, muito no Rio. O Paulo César tem uma visão, uma preocupação epistemológica em Geografia.

Mônica Machado: *Mas esses pesquisadores trabalham com Brasil?*

Bertha Becker: Não, não trabalham com o Brasil. Mas quem é que, atualmente, trabalha o Brasil? Vamos falar das exceções, que eu acho que é melhor. Eu sempre trabalhei com o Brasil, e acho que nesse sentido sempre fui exceção. Comecei no Nordeste, depois.... bem sabe qual foi minha história na Geografia? Eu trabalhava com Hilgard e com a Maria do Carmo. Ela era, depois do Hilgard, a pessoa que coordenava os trabalhos, que mandava, embora fosse apenas assistente do Hilgard. Então ela vinha logo depois do Hilgard, e eu era uma mera instrutora. Depois passei à auxiliar de ensino, depois à assistente. Eu já comecei dando aula. O Hilgard nos colocava logo para dar aula. E ele só me colocava na área física da Geografia. Para dar aula estudei muito o litoral, o relevo, a geologia e a vegetação do Brasil. Eu já dei aula sobre tudo isso. Mas para mim foi fundamental. Até para o curso de jornalismo eu dava aula. Dei uma infinidade de aulas. Eu estudava tanto. No curso de Geografia e História, para ser franca, não aprendi nada. Eu comecei a aprender Geografia quando eu tive que dar aulas. Imagina só, eu chorava. Eu tive que estudar toda esta parte física, porque ele não me deixava dar aula na área humana. Depois, evidentemente, eu fui me soltando. E, quando Hilgard foi para os Estados Unidos, tive uma liberdade muito



maior. Assim, eu inventei de criar um grupo de pesquisas dentro do CPGB. Eu criei um grupo de pesquisas com alunos, nessa época eu já era professora. Os alunos desse grupo eram a Lia Osório, Mariana, Maria Helena, Sônia Bogado e Maria Estela, que depois foi para o IBGE. Então, formamos um grupo de pesquisa e comecei estudando o abastecimento do Rio de Janeiro. E, quando fomos estudar o abastecimento do Rio, me deparei com a expansão da pecuária nas áreas de mata, Oeste de São Paulo e Minas Gerais, e me deparei com os fazendeiros começando a comprar terras em Goiás. Foi dessa maneira que eu comecei a acompanhar a expansão da fronteira no Brasil, e não parei até hoje. Assim, isso tudo foi muito importante, porque eu dirigi o grupo de pesquisa e todo mundo tinha bolsa do CNPq. No início, o Hilgard nós botava para fazer fichas, fichar trabalhos. Parte física e fichar. Ou então, quando ele fazia excursão, ele nos levava para ajudá-lo. Quando o Hilgard saiu, ficou um certo vácuo. E assim criei esse grupo de pesquisa que mencionei.

Mônica Machado: *E quanto à Maria do Carmo, ela tinha outro grupo?*

Bertha Becker: Não sei dizer a você o que aconteceu com a Maria do Carmo. Ela nunca teve um grande grupo.

Mônica Machado: *E a Lysia Bernardes ?*

Bertha Becker: Ela não era propriamente da Universidade. Só depois que nós fomos lá para o Fundão que eu consegui trazer a Lysia como visitante. Ela dava algumas aulas no Fundão e depois ia embora. Ela não era da Universidade, trabalhava no Governo. Ela era fantástica, sempre foi muito legal. A Lysia Bernardes me ajudou muito na minha tese de docência. Eu descobri que haveria um concurso na Geografia. Foi aberto concurso só para a Geologia, mas eu descobri que haveria também para a Geografia, só que quando descobri faltavam apenas 3 meses para entregar a tese. Por isso, tive que correr. Fui para o Espírito Santo estudar a expansão da agropecuária. Fui e fiz a tese em três meses. E foi a Lysia quem me ajudou a escolher o lugar, o Espírito Santo. Depois, eu voltei lá levando mais duas alunas. O Hilgard teve, então, um papel central nisso, na criação do CPGB, na formação da biblioteca, no funcionamento da pesquisa, consegui bolsas de pesquisa para nós todos – iniciação científica.

Mônica Machado: *Mas como o Hilgard Sternberg tinha tanta facilidade para conseguir isso tudo?*

Bertha Becker: Ele era um homem muito articulado. Ele corria atrás das pessoas, ele era muito “furão”.

Mônica Machado: *O Hilgard Sternberg conseguia trazer americanos interessados em Brasil para dar aula no curso de Geografia do Brasil, do qual era catedrático. Tenho encontrado na Biblioteca Nacional publicações organizadas por Sternberg desses cursos. Como ele conseguia trazer pessoas de fora?*

Bertha Becker: Mas não era difícil trazer as pessoas para o Brasil. Eu mesma já trouxe muita gente para o Brasil. Por exemplo, em 1982, nós planejamos uma Conferência Regional da UGI no Rio de Janeiro. Eu fui secretária dessa Conferência científica e organizei o programa científico. Organizei também um curso depois dessa reunião. Eu consegui recursos para que alguns participantes dessa Conferência ficassem durante 15 dias no Brasil, dando um curso no Fundão. Na minha opinião, atualmente, dá também para trazer pessoas de fora para o Brasil com apoio da Universidade. Dá trabalho, mas é possível. No início da Pós-Graduação, eu trouxe muita gente. Isso em 1972.

Mônica Machado: *A saída do Hilgard Sternberg do Brasil acabou prejudicando a Geografia na Universidade do Brasil?*



Bertha Becker: Com a saída do Hilgard, de certa maneira, ficou um espaço para ser preenchido, que eu, na época, preenchi um pouco. Depois aconteceu um fato que foi fundamental para mim. Um belo dia, telefonam para o CPGB pedindo um professor de Geografia para o Itamaraty, para o Ministério das Relações Exteriores, antigo Instituto Rio Branco. O Hilgard já tinha dado aulas lá também. A Maria do Carmo estava muito envolvida com o CPGB e não aceitou o convite. Então eu resolvi aceitá-lo e fui para o Itamaraty. Assim, entrei na Geografia política e nunca mais saí. Isso foi em 1966, em plena ditadura. Eu fiquei no Instituto Rio Branco 10 anos. Formei muito embaixador e ministros. Criei a cadeira de Geografia política no Instituto, que não existia na época. Até então era ensinada a Geografia homem x meio, plantation, etc. Eu achei que, para uma formação de diplomata, aquilo não era bem o que eles deveriam saber. Foi então que eu descobri a Geografia política, todas as teorias da Geografia política. Existia um homem cujo nome que você pode tomar nota, que pensava bem o Brasil e que era uma pessoa interessante, o Fábio Macedo Soares Guimarães. A família inteira dele era diplomata. Os filhos dele seguiram a diplomacia. Ele foi professor no Rio Branco também. O Fábio Macedo Soares tem uma divisão fisiográfica do Brasil que é válida até hoje. Divisão do Brasil e regiões fisiográficas. Ele era também do IBGE.

Mônica Machado: *Na UFRJ quem realmente deu início à pesquisa em Geografia não foi o Hilgard Sternberg? Eu tenho encontrado algumas produções do CPGB na Biblioteca Nacional que apontam a importância do Sternberg. A Sra. teria publicações e documentações do CPGB?*

Bertha Becker: Sim, foi o Hilgard quem organizou tudo, não adianta ficarem fingindo, porque foi ele quem fez tudo. Com todo o americanismo dele, foi ele quem criou a estrutura de pesquisa na UFRJ. Com relação ao CPGB, quem pode te contar tudo sobre suas origens é a Maria do Carmo. Ela conhece bem melhor do que eu.

Mônica Machado: *Eu encontrei o Professor Roberto Lobato não faz muito tempo e cheguei a comentar com ele sobre o material do CPGB que eu havia levantado. Eu perguntei para ele sobre a relação do Hilgard Sternberg com o IBGE, pois imaginava que a influência americana do Hilgard Sternberg teria origens no IBGE. Então o Lobato falou: “Olha o Sternberg não se dava com o pessoal do IBGE, eram grupos diferentes”. Eu fiquei pensando sobre a influência norte-americana na Universidade, foi uma influência diferenciada da influência do IBGE?*

Bertha Becker: É, o Hilgard não se dava mesmo com o pessoal do IBGE. Acho que sim, foram influências de origens distintas. O Hilgard estaria muito mais ligado a Carl Sauer. O Hilgard era muito influenciado pelo Sauer.

Mônica Machado: *E o IBGE, teria outra influência?*

Bertha Becker: O IBGE, no início, tinha grande influência francesa. Depois entrou na quantitativa com Brian Berry, Faissol, etc. Não foi o que aconteceu na Universidade. Depois, nós tivemos que entrar na quantificação. Depois surge o Milton com a Geografia crítica, o início da “patrulha”.

Mônica Machado: *Então o peso da quantitativa na UFRJ não foi tão forte. E na USP, houve a influência do quantitativismo ou ela teria dado continuidade à tradição francesa?*

Bertha Becker: Acho que a USP deu continuidade aos estudos franceses. São Paulo tem esse caráter mais específico, um caráter mais provinciano, no sentido de realizar estudos “umbilicais”, locais, regionais. São Paulo é São Paulo! Com algumas exceções, como o trabalho do Robert Moraes, que pensa o Brasil, muito evidente em



sua tese de doutorado sobre a formação colonial do Brasil. Nós fizemos projetos juntos sobre a zona costeira do Brasil, Robert Moraes, Wanderley, Cláudio e o Dieter. O André Martin também se preocupa com a Geografia política. Acho que quando se estuda a Geografia política há necessidade de se pensar o Brasil. Claro que você pode estudar a mobilização da sociedade civil, os movimentos sociais, mas isto faz parte de um processo funcional, eu vejo assim.

Mônica Machado: *Qual a tradição de estudo da Geografia política?*

Bertha Becker: A tradição da Geografia política era só o Estado, que é a crítica do Lacoste: uma só escala de análise, uma só fonte de poder. Crítica também do Rafestan. Hoje não é mais assim, porque o Estado não é o mesmo. Existem milhões de outros movimentos, outros fatores, globalização de um lado, problema social do outro. Por isso, não se pode ficar pensando somente no Estado e nos conflitos só entre Estados. Pelo contrário, eu fiz uma Geografia política muito mais doméstica, o que não é uma coisa tão comum na tradição da Geografia política.

Mônica Machado: *Como assim, uma Geografia política doméstica? Uma Geografia política do Brasil?*

Bertha Becker: Exato, do Brasil. Processo de ocupação do território. Antigamente, a Geografia política se preocupava muito com as relações entre os Estados. Ela descrevia os Estados, os conflitos entre Estados, as fronteiras, etc. O Lacoste tem razão, a escala fundamental era a nacional, dentro do Estado não existiam conflitos, porque o Estado era a única representação do político, era a única fonte de poder. No meu caso, eu fiz uma Geografia política muito diferente, o que só me dei conta recentemente. Eu fiz a Geografia política do Estado brasileiro, no seu território. Não é diferente? Fiz também estudos do Brasil no Mundo, como centro de periferia. Mas a minha pesquisa maior foi dentro do Brasil, como a expansão da fronteira, o papel do Estado, a ocupação da Amazônia. Então, não é um trabalho muito comum.

Mônica Machado: *Com exceção da UFRJ e da USP, qual outra universidade poderia ser destacada com relação à Geografia?*

Bertha Becker: Na minha opinião, não há. Embora alguns Programas de Geografia de outras Universidades tenham recebido notas altas da CAPES. E, por incrível que pareça, a Geografia da UFRJ e da USP foram rebaixadas na CAPES.

Mônica Machado: *Por quê?*

Bertha Becker: Porque resolveram adotar critérios novos, e a Geografia, enfim, as ciências sociais, não foram muito bem defendidas. Além do aumento da competição devido à multiplicação dos centros de Pós-Graduação, verbas e bolsas de estudos foram divididas.

Mônica Machado: *Comparando os Programas de Geografia da UFRJ e da USP, com relação à atual avaliação da CAPES, o que poderia ser dito?*

Bertha Becker: O critério dominante agora na CAPES é a inserção internacional. Nenhum Programa de Pós-Graduação do Brasil em Geografia tem inserção internacional como o Rio Janeiro tem. Essa tradição, São Paulo não teve, a escala Brasil e Mundo, relações externas, o que eu entendo muito bem pois eu fui vice-presidente da



UGI, até o ano passado. Eu saí da UGI por minha opção, porque eu quis. Eu poderia me recandidatar, teria direito a mais 4 anos, mas eu comecei a não mais gostar de participar da UGI, houve um domínio da burocracia e da politicagem contra os países subdesenvolvidos, os europeus cada vez mais demonstrando uma arrogância que você nem pode imaginar. Por isso tudo eu resolvi sair, atitude de que não me arrependo. Isso não significa que deixei de ter inserção internacional. Atualmente, sou vice-presidente do grupo de avaliação do Programa Piloto ao nível internacional. Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais Brasileiras (PPG-7). É o maior programa ambiental do mundo em um só país. Doação de 250 milhões de dólares, que não é tanto, mas, enfim, não se gastou tudo ainda. Tudo isso para proteger as Florestas Tropicais Brasileiras, é geopolítica ambiental. Eu sou vice-presidente desse grupo internacional que faz o acompanhamento do Programa. Eu estou lá desde 1993, desde que o Programa foi criado. O pessoal que defendeu o Rio de Janeiro na CAPES não poderia ter deixado de mostrar a participação da Geografia da UFRJ nesse programa de inserção internacional. Não precisava falar do meu nome, mas, de toda forma, eu era a vice-presidente da União Geográfica Internacional, vice-presidente desse grupo Piloto e agora eu faço parte do Comitê Científico Diretor do grande Projeto LBA, *Large-scale Biosphere Atmosphere Experiment in the Amazonia*, que é outro programa imenso, de parceria com a NASA, para estudar o clima e as relações com a biosfera da Amazônia.

Mônica Machado: *Além de sua participação nesses órgãos internacionais e do seu trabalho na Universidade, onde mais a Sra. atua?*

Bertha Becker: Na graduação eu já não dou aula há muitos anos, pois não tenho tempo, eu presto também consultoria para os Ministérios. Já fiz muita consultoria para o Ministério do Meio-Ambiente, e às vezes, ainda faço. Para o Ministério da Integração eu fiz um documento para o Ministro sobre o que seria hoje integração nacional e desigualdade regional, quais políticas que deveriam ser feitas. Todos esses trabalhos não são coisas pequenas, não. É Brasil, não é? Atualmente eu estou envolvida com o Ministério da Ciência e Tecnologia, em função do meu trabalho de pesquisa da Amazônia, do projeto da LBA e do Programa Piloto. Enfim, eu estou altamente envolvida com esses dois grandes Programas.

Mônica Machado: *O seu trabalho na Amazônia é um trabalho de referência.*

Bertha Becker: É, acredito que sim, mas a questão central não é essa. São também ações internacionais, porque eu faço parte desses comitês que trabalham na escala global. Os comitês são internacionais. Eu me reúno com o pessoal da NASA, às vezes brigo. No Projeto Piloto eu brigo com o Banco Mundial e no LBA eu brigo com a NASA. Eu escolhi uns inimigos formidáveis, sempre saio perdendo, mas tudo bem.

Mônica Machado: *Na verdade são inserções internacionais da Geografia universitária do Rio de Janeiro, não?*

Bertha Becker: É eu acho. Acho também que é a Geografia universitária carioca que tem maior inserção internacional que pensa mais o Brasil, enfim, que tem maior inserção internacional.

Mônica Machado: *A Geografia da UFRJ?*

Bertha Becker: Exatamente.



Mônica Machado: *E os dois outros núcleos universitários do Rio de Janeiro, as duas outras universidades públicas, a UERJ e a UFF?*

Bertha Becker: Na UFF a maior parte do corpo docente foi formada por nós. A Geografia da UFF é um filhote, digamos assim, da Geografia da UFRJ, que teve sua origem na época da Geografia crítica. Então acho que a Geografia crítica é forte lá, não é? O Rio foi uma incubadora, de certa maneira, tanto da UFF quanto da UERJ. Da UERJ eu não diria tanto, porque a grande infância na UERJ foi o IBGE. Como por exemplo o Miguel Alves de Lima, o Faissol, hoje o João Baptista, o Miguel Ângelo. Então, veja, a UERJ ficou com uma marca muito grande do IBGE. Tem também o Eli, que foi meu orientando de mestrado e doutorado, ou seja da UFRJ.

Mônica Machado: *Mas o Eli é do IBGE, não?*

Bertha Becker: É, realmente. Eu havia esquecido. Como o Eli entrou na Geografia política e ficou muito mais ligado a mim e ao André, ele não parece ser mesmo do IBGE. Na UERJ apesar de ter alguns professores formados por nós, o peso foi mais do IBGE. Na UFF o peso foi nosso, mas com a marca da Geografia que fica evidente com o Ruy Moreira, o Carlos Walter, eu gosto muito dos dois.

Mônica Machado: *Se tivéssemos que traçar um paralelo entre a Geografia da UFRJ, da UFF e da UERJ, qual seriam as perspectivas para esses núcleos?*

Bertha Becker: Na UERJ me parece que a situação financeira é melhor, muito mais do que nas outras. As Federais estão em crise aguda, a UFRJ nem se fala. Atualmente, das três, a UERJ é que está conseguindo se manter melhor financeiramente. A FAPERJ também se dinamizou muito, muito mesmo, estou impressionada. A FAPERJ me deu uma medalha no ano passado, medalha de “*Método Científico da FAPERJ*”. Foi a primeira vez que eu ganhei, era a Medalha Carlos Chagas Filho. Eram apenas 05 vagas para professores de 05 áreas diferentes e eu ganhei em Ciências da Terra.

Mônica Machado: *Na UERJ atualmente tem sido incentivada a atividade de pesquisa, um exemplo é o Programa Prociência. Como a Sra. avalia a perspectiva da Geografia na UERJ?*

Bertha Becker: O que a UERJ pode dar? Eu sei que tem uma área de Geografia Física que funciona, de que o Alexandre faz parte, não tem? Não sei se chega a formar um grupo forte. Na Geografia Humana acho que a Geografia cultural levada à frente pela Zeny e pelo Roberto Lobato tem aparecido. Estão organizando as revistas e também livros. Eu respeito muito os dois, embora eu não goste dessa área de trabalho. Não tem mais linha de pesquisa, o nome é esse. Quais são as linhas de pesquisa da UERJ? Então, o que tem lá, pelo que eu observo agora, é a Geografia cultural. A Geografia cultural na UERJ é uma linha de pesquisa, tem mais de uma pessoa trabalhando, tem revista e tem publicações. No Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, atualmente, há duas áreas de concentração, Geografia Física e Geografia Humana. Dentro dessas áreas de concentração, existem as linhas de pesquisa. Eu, por exemplo, faço Geografia política, Amazônia, gestão de território e outras coisas. Outra pessoa trabalha com a Geografia urbana, outra com a Geografia agrária. Realmente, são linhas de pesquisa diferentes e essas linhas, pelo menos teoricamente, agregam vários projetos, que compõem diretrizes diferenciadas. Mas com relação à Geografia política, nem a UFF nem a UERJ faz em Geografia política. Somente a UFRJ, não?

Mônica Machado: *Não sei, talvez o Carlos Walter na UFF, não?*



Bertha Becker: Na UFRJ eu faço, mas seria só eu? Lia Osório faz um pouco. É, acho que na UFF Carlos Walter faz, quando trabalha com a Amazônia, inclusive preciso comprar um livro dele. O Ivaldo também faz Geografia política. A formação do geógrafo é muito fraca. A minha também foi, mas eu, como diriam, “corri por fora”. O Ruy Moreira, que tem uma preocupação mais teórica. Mas não sei se ele tem um grupo de pesquisa. O Carlos Walter tem um grupo? não sei. Agora, na UFRJ, eu, na Geografia política, um pouco a Lia Osório, talvez o Paulo Cesar, destacam-se nas áreas de Geografia urbana, Geografia agrária e regional, a Júlia Adão por exemplo trabalha com o Mato Grosso, com a soja. A UFRJ trabalha também com a Geografia econômica, a própria Júlia e o Cláudio Egler, por exemplo.

Mônica Machado: *Se estabelecêssemos a relação Geografia e Política, ou seja uma perspectiva política de abordagem da Geografia, como a Sra. enxergaria essa relação na Geografia universitária do Rio de Janeiro? Faltaria uma abordagem política na formação do geógrafo e do professor de Geografia, principalmente se comparado à formação do historiador e do professor de história?*

Bertha Becker: Eu acho que falta, sim, uma abordagem política na Geografia. Eu acho que o que pesou muito na Geografia foi a geopolítica. Foi uma ducha de água fria, medo de fazer geopolítica! A Geografia não tem uma abordagem, uma formação política. Mas não é um problema carioca, é um problema da Geografia brasileira. Nos outros cursos universitários de Geografia, muito menos! Acho mesmo que é um problema da Geografia em geral, viu? Não apenas da Geografia brasileira. A abordagem política está surgindo mais recentemente. Por exemplo, o Marcelo Escolar tem uma vontade política. Hoje em dia, muitas pessoas se interessam pela Geografia política ou pela abordagem política do espaço.

Mônica Machado: *Eu gostaria que a Sra. falasse um pouco mais da sua contribuição para a Geografia, da sua dedicação à Geografia política.*

Bertha Becker: Nós temos feito zoneamentos e metodologia de zoneamento da Amazônia toda. Temos também realizado trabalhos de âmbito nacional e pertinentes aos problemas do país. A Amazônia, por exemplo, os meus estudos atuais sobre a Amazônia, de uns anos para cá, estão dando conta da atual mudança, que é enorme, justamente na organização da sociedade civil. Foi uma mudança brutal, que as pessoas do Sul não fazem idéia.

Mônica Machado: *Há quantos anos a Sra. estuda a Amazônia?*

Bertha Becker: São 30 anos de estudo sobre a Amazônia, sabe o que é isso? São muitos anos de minha atividade profissional dedicada à Amazônia. Há 30 anos ninguém falava da Amazônia, mas eu era professora no Instituto Rio Branco e dizia para o Embaixador, que era o meu diretor, “*meninos antes de representar o Brasil lá fora, deveríamos primeiro conhecer o Brasil*”. Um belo dia o Embaixador resolveu fazer uma viagem pelas fronteiras do Brasil. Para esta viagem, eu preparei questionários e outros materiais. Foi muito bom. Nós fomos em um avião da FAB (Projeto Cisne) - nunca vou me esquecer. A partir daí, nunca mais larguei a Amazônia. Eu já vinha estudando a fronteira, o avanço, desde a década de 60, já tinha percebido que os fazendeiros estavam chegando à Amazônia e ainda fui fazer essa excursão, nunca mais saí da Amazônia.

Mônica Machado: *O que poderíamos falar mais especificamente sobre a Geografia universitária do Rio de Janeiro? Existiu uma Geografia do Rio de Janeiro em termos de Escola? E, pelo conteúdo de nossa entrevista se realmente existiu essa Escola, ela seria produto da Universidade do Brasil, não?*



Bertha Becker: Eu acho que o que caracteriza a Geografia da Universidade do Brasil é justamente uma certa independência em relação ao modismo, ela sempre teve um certo pluralismo. Enquanto na UFF, em função da grande influência do Milton Santos, houve uma certa reprodução do seu pensamento e por isso não foi muito criativo. Os professores da UFF também contribuíram para isso. Embora, para mim, o Milton Santos tenha tido um papel fundamental, enorme para a Geografia, contribuindo com discussão teórica para a Geografia crítica. Ele projetou a Geografia na mídia; sem dúvida alguma, ele foi importantíssimo para a Geografia. Mas teve todo esse outro lado, os geógrafos passaram a reproduzir e mesmo copiar o pensamento do Milton, que é, com certeza, muito pouco criativo e produtivo. Assim, na Geografia do Rio de Janeiro, na Geografia da Universidade do Brasil e do próprio IBGE, por exemplo, a pesquisa de campo foi uma atividade fundamental. Para mim, uma marca que o Hilgard e o Ruellan deixaram, o reconhecimento de território, que eu acho que a Geografia carioca fez bem e por muito tempo, com grandes contribuições. Uma outra característica, que já mencionei e cabe ser ressaltada, é uma certa independência. Não ficou presa nem à Geografia quantitativa nem à Geografia tradicional, nem somente ao Milton Santos. Então, sempre houve um pluralismo e uma certa independência, desde o começo, talvez. Melhor dizendo, desde o começo não, porque o pessoal estava ainda se formando, era Josué, Ruellan, o Hilgard. Mas o campo, a preocupação nacional e a busca pela dinâmica territorial foram marcas da Geografia universitária no Rio de Janeiro. No meu ponto de vista, a Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro teve uma certa independência, um certo pluralismo, uma visão mais nacional e mais livre para entrar no modismo ou não. O Xavier entrou, com o geoprocessamento. A maioria das pessoas na UFRJ hoje fazem geoprocessamento, como o Cláudio Egler, que faz muito bem, a Lia Osório faz com a equipe dela. Eu não faço, ainda escrevo tudo à mão, embora eu tenha na minha equipe pessoas que fazem. Foi uma escolha, ou eu iria pensar ou iria aprender a trabalhar com essa técnica e com o computador, eu não tive tempo. Mesmo porque tive problemas sérios de doença em minha família, que acabaram me ocupando muito.

Mônica Machado: *Resumidamente, como a Geografia universitária no Rio de Janeiro poderia ser caracterizada?*

Bertha Becker: Eu acho que ainda a Geografia da UFRJ, diferente tanto da Fluminense quanto da UERJ e da USP, se caracterizou por tudo que já mencionei: a independência em relação ao modismo, um certo pluralismo, desenvolveu estudos de reconhecimento de território e teve uma preocupação nacional. Embora São Paulo tenha suas exceções, como o Robert Moraes e o Wanderley, são exceções. Mas eu tenho essa impressão, de que o Rio teve uma visão diferente sim, não sei se estou dizendo isso porque sempre estive envolvida com estudos do Brasil e com a Geografia política.

Mônica Machado: *Sem dúvida, o peso do seu trabalho não apenas na Geografia desenvolvida no Rio mas também na Geografia brasileira é muito grande. Isso é um fato. Mas eu acho que a visibilidade, dentro da própria Geografia, poderia ser maior. Os alunos conhecem Milton Santos, mas não conhecem Bertha Becker, assim como seus trabalhos.*

Bertha Becker: Eu fico satisfeita no meu reconhecimento pela contribuição que tenho dado à Geografia, porque os meus trabalhos, em geral, são muito bem recebidos. Agora, com relação à visibilidade, você tem razão. Poderia ser maior dentro da Geografia. Na Amazônia, eu sou muito conhecida pela população e pela elite local, e em Brasília também. Agora, isso tudo é fora dos meios da Geografia. Eu reconheço que, realmente, me afastei muito do ambiente geográfico. Por essa razão, é que pensei em escrever no jornal. Mas eu faço muitas coisas, sou muito requisitada, eu não tenho tempo. Infelizmente, não posso fazer tudo, não posso fazer tudo o que



quero. Mas eu também gosto de poder circular em outras áreas, como a economia, as ciências sociais, a antropologia. Eu adoro quando eles me convidam, e sou sempre convidada. Então, eu acho que tenho mais visibilidade fora da Geografia do que dentro. Você acredita nisto? Mas eu não me incomodo. Eu deveria ter mais visibilidade no próprio Fundão, mas eu fiz uma escolha, de certa maneira, foi uma escolha. E acho também que a UFRJ não reconhece meu trabalho, e por quê? Porque não gostam da Geografia política e não estão tão ligados ao Brasil.

Mônica Machado: *Isso parece característico da Geografia brasileira, diferente da História. Isso pode ser comprovado quando vamos a uma livraria e comparamos a quantidade de livros dedicados ao Brasil da História e da Geografia.*

Bertha Becker: É verdade.

Mônica Machado: *Como foram conduzidas as discussões com relação à mudança do curso de Geografia da Faculdade de Filosofia para o IGEO, em 1968? Tal mudança não ocorreu na USP.*

Bertha Becker: Foi uma grande discussão, foi um debate enorme. Na minha opinião, naquele momento, foi a turma da Geografia Física quem ganhou. Eles fizeram uma pressão enorme, mostrando que nós teríamos muito mais condições de conseguir dinheiro, recursos e reconhecimento caso ficássemos na Geociências, em vez de nos juntarmos à História do Rio, que na ocasião era totalmente desorganizada. Então, as ciências sociais não tinham vez, não tinham mesmo. As ciências sociais, no Brasil, sempre ficaram por baixo. Com a Reforma universitária de 1968 instaura-se a desorganização, porque, até então, a Geografia era junto com a História. No momento em que se separaram e houve a reformulação dos institutos e dos departamentos, ou iríamos para a História ou para a Geociências. Como as ciências sociais estavam por baixo, porque era toda a época do regime militar, que deu a maior força para a ciência e tecnologia no Brasil, as pessoas não gostam de reconhecer, mas é verdade. O Governo Militar descentralizou, criou Campinas, criou Paraíba, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, com dinheiro para a pesquisa. Mas as prioridades eram muito mais para as ciências exatas, para as ciências duras, e as ciências sociais não eram valorizadas.

Mônica Machado: *Financeiramente e intelectualmente a Geografia ganhou ou perdeu com essa mudança?*

Bertha Becker: É uma boa pergunta. Intelectualmente, não mesmo. E financeiramente, eu fui diretora de Pós-Graduação e Pesquisa do Instituto de Geociências durante dez anos, talvez na época do Itamaraty, não tenho absoluta certeza, mas acredito que foi de 1966 a 1976, o tempo exato está no meu currículo. Qual foi a minha estratégia? O Instituto de Geociências estava muito ruim, não tinha nada. Compunham a Geociências a Geografia, a Geologia, a Meteorologia e a Astronomia. Nós, da Geografia, embora fôssemos corretíssimos, não tínhamos força política. Então, qual foi a minha estratégia? Eu recuperei a Geologia, primeira coisa que fiz como diretora de Pós-Graduação. A Geologia estava destruída. A minha primeira atuação foi recompor a Geologia, e o fiz lindamente. Eu contratei professores estrangeiros, da Alemanha e de outros países, para a Geologia. Fui para Brasília, briguei para recuperar a Geologia. Eu fiquei reconhecida na UFRJ pelo meu trabalho de resgate da Geologia. Contratei uns oito professores para a Geologia, fiz laboratório de geoquímica e outras coisas que você nem pode imaginar. Com isso, a Geografia se beneficiou, porque o Instituto cresceu e, assim, eu consegui contratar dois professores Doutores para o Departamento de Geografia, o Milton Santos e o Maurício Abreu, que não eram do Departamento naquele momento. Fui eu quem contratei Milton Santos. Ele tinha chegado da França e as Universidades brasileiras não o queriam, pois ele tinha fama de “brigão”. As pessoas tinham medo do Milton.



Ele era realmente muito instigante, gostava muito de discutir, de debater. Eu tive que vencer grandes resistências dentro do meu Departamento para poder contratá-lo.

Mônica Machado: Isso por questões políticas?

Bertha Becker: Não só por questões políticas, mas principalmente, como disse, por causa do temperamento que ele tinha. Mas eu venci porque eu era diretora de Pós-Graduação e eu disse: “*Não temos doutores, vai ter que ser o Milton, que é um grande doutor, geógrafo nacional, qual o problema?*”. No caso do Maurício foi uma catequese, ele havia saído do IBAM e ficou em dúvida se iria para o IBGE ou para a UFRJ. Mauricio ficou um bom tempo refletindo, mas resolveu aceitar o meu convite. Então, consegui trazer dois doutores para o Departamento e, com isso, crescemos e começamos a fazer pesquisas institucionais na FINEP. Maria do Carmo Galvão era a diretora da Pós-Graduação, e o foi por muitos anos. Ela conseguiu recursos financeiros.

Mônica Machado: Mas a estratégia política foi sua?

Bertha Becker: A estratégia política foi minha. Eu fui diretora de Pós-Graduação por dez anos, nunca fui chefe de Departamento, nem coordenadora da Pós-Graduação em Geografia, mas fui por dez anos diretora de pesquisa no Instituto. Nós fizemos as primeiras revistas do Instituto de Geociências. Todos os departamentos da Geociências participavam. Nós fizemos grandes seminários, onde todo mundo apresentava seu trabalho. Havia uma certa união. Foi através da recuperação da Geologia, que eu sabia ser o campo mais importante no Brasil, naquele momento, que a Geografia foi construída. Era a brecha e, assim, eu consegui contratar o Maurício e o Milton. Depois, Maria do Carmo conseguiu dinheiro na FINEP para montar a Pós-Graduação, e em seguida consegui dinheiro para a pesquisa institucional, na FINEP. Vários projetos foram realizados, durante anos, com o apoio da FINEP.

Mônica Machado: A contratação de doutores foi uma estratégia política bastante perspicaz naquele momento, não?

Bertha Becker : Mas sem doutor não se tinha doutorado, não se tinha um corpo docente com número suficiente de doutores para fazer um doutorado. Era preciso fortalecer e desenvolver a Pós-Graduação, pois se ela ficasse somente com o mestrado não iria crescer. O nosso mestrado já havia sido criado desde 1972. Então, para passar a ter o doutorado seria necessário ter um corpo de doutores maior. Mas o que exatamente você queria saber? Se a Geografia ganhou financeiramente? De certa maneira, sim. Eu não sei se, caso tivéssemos continuado com a História, nós teríamos conseguido todos esses recursos que obtivemos. Eu realmente não sei, isso para mim é uma incógnita. Estou contando para você o que eu consegui no tempo em que fui diretora de Pós-Graduação; recuperei a Geologia e, com isso, o Instituto de Geociências.

Mônica Machado: A história da Geografia da USP é diferente; a Geografia continuou alocada na Faculdade de Filosofia. Mas, com relação a seu trabalho na Geografia da UFRJ, gostaria que a Sra. falasse um pouco sobre o LAGET.

Bertha Becker: Eu criei o Laboratório de Gestão de Território em 1987. Assim, o primeiro termo território, gestão no território fomos nós que criamos com um convênio do IBGE. Um convênio somente para pensar o Brasil, a dinâmica territorial, a mudança tecnológica e seus impactos no território nacional. De 1987 para cá, eu conseguia dinheiro na FINEP para projetos institucionais, ou seja, Projeto de Gestão Territorial no Brasil, com



vários subprojetos que eu coordenava. Então participavam a Lia Osório com o projeto dela, o Maurício Abreu com o dele, a Maria do Carmo com o dela. Mas era um grande projeto institucional da FINEP para gestão de território no Brasil, e, dentro desse único projeto, existiam vários subprojetos com seus respectivos grupos.

Mônica Machado : *O LAGET é assim, ele funciona dessa forma?*

Bertha Becker: Não, isso foi o LAGET. Pois é, o LAGET foi isso durante muito tempo. Contudo, no ano passado acabou o último projeto, que eu coordenei. Um projeto, conforme falei, “guarda-chuva”. Entretanto, o que você verifica hoje - não sei o que ocorre na USP, mas acho que em todo lugar a situação deve ser a mesma - é um grande individualismo. Ninguém da turma mais jovem quer investir na instituição, ninguém tem esse interesse, que eu sempre tive. Fui diretora de Pós-Graduação, criei o LAGET, arrumei dinheiro de pesquisa, trouxe professor de fora. Eu investi na instituição; investi porque achava fundamental para a Academia. Pergunta se alguém quer fazer alguma coisa pela instituição hoje. Ninguém quer, só há interesse no desenvolvimento de projetos individuais. Acabou o projeto da FINEP e ninguém propôs outro projeto, ninguém. Então, agora eu estou reunindo o pessoal para saber qual destino eles querem dar ao LAGET. Primeira pergunta que eu fiz: “*Querem acabar com o LAGET?*” Ele responderam que não, que era um absurdo o LAGET acabar. “*Nós o criamos, não vamos perdê-lo.*” Bom, então eu tenho pensado: o que vai fazer o LAGET daqui para frente? Porque o mundo mudou, o Brasil mudou e a FINEP não concede mais projeto institucional. Agora tem os PRONEX (Programa de Apoio a Núcleos de Excelência). Nós não temos nenhum na Geografia da UFRJ. Eu fiz um projeto PRONEX e foi avaliado por dois relatores. Um foi maravilhoso e o outro deve ter sido da Geografia, um inimigo. Você precisava ver o que ele escreveu, a quantidade de absurdos, eu não sei quem foi, o fato é que não ganhamos o PRONEX. Eu não estava sozinha no projeto, o Bartholo da Engenharia da Produção da COPPE, que é a maior inteligência que conheço, o pessoal do Centro de Desenvolvimento Sustentado de Brasília, também estavam participando. Mas, enfim, perdemos. Talvez até por causa do relator. Eu fiz uma carta para minhas réplicas, só para deixar registrado, pois sabia que não adiantaria. A competição, atualmente, está muito forte. A multiplicação de centros de doutorado e mestrado também acirrou a competição. Para mim, é um processo errado. Eu acho que deveria ter núcleos regionais. Não concordo com toda essa multiplicação de centros de mestrado e doutorado em todos os lugares. Poderiam fazer, pelo menos, os mestrados e os doutorados ao nível regional.

Mônica Machado: *Mas a política tem sido essa.*

Bertha Becker: E por isso acontece toda esta competição brutal. Eu, por exemplo, não me meto mais com a CAPES. Fiz pareceres na CAPES avaliando cursos, mas hoje não faço mais, não quero fazer mais. Então, outras pessoas tomam conta, vão para lá, fazem seus *lobbies*, suas fofocas, suas apreciações, etc.

Mônica Machado: *A Sra. teria algum documento que relatesse a formação do LAGET? Gostaria de tentar montar um panorama da Geografia universitária, seus principais núcleos e laboratórios.*

Bertha Becker: Tenho sim e posso te dar um cópia.

Mônica Machado: *Professora Bertha, muito obrigada por esta entrevista.*